



O ESPELHO DO ESPETÁCULO: MEU CORPO E SUAS IMAGENS

The mirror of the show: my body and its images

Gabriela Vargas de Almeida Ribeiro¹

Saulo Durso Ferreira²

RESUMO

O artigo analisa os impactos da relação do indivíduo com sua imagem corporal, com base nos conceitos de Eu ideal e Ideal de Eu, de Freud, e no Estádio do Espelho, de Lacan. Explora como os padrões estéticos contemporâneos, a popularização de procedimentos estéticos e o uso de filtros digitais em redes sociais afetam a autoimagem, o que pode contribuir para sofrimento psíquico e diagnósticos como o Transtorno Dismórfico Corporal. Refere que o corpo, ao ser tratado como um objeto de manipulação e controle, torna-se central nas dinâmicas de validação social e na formação de ideais, reforçando processos de estigmatização e discriminação identitária. Nesse contexto, a reflexão psicanalítica destaca importância de olhar o corpo *além da sua dimensão imaginária enquanto espelhamento de padrões impostos por uma indústria de consumo desenfreada e também no sentido de revelação da verdade por trás de discursos que ditam padrões de beleza, de estética e de normalidade, promovidos pela sociedade do espetáculo e pela cultura digital.

Palavras-chave: Eu ideal. Ideal de Eu. Estádio do Espelho. Psicanálise. Transtorno Dismórfico Corporal.

ABSTRACT

The article analyzes the impacts of the individual's relationship with their body image, based on the concepts of the ideal ego and ego ideal, by Freud, and on The Mirror Stadium, by Lacan. It explores how contemporary aesthetic standards, the popularization of aesthetic procedures and the use of digital filters on social networks affect self-image, which can contribute to psychological suffering and diagnoses such as Body Dysmorphic Disorder. It states that the body, when treated as an object of manipulation and control, becomes central in the dynamics of social validation and the formation of ideas, reinforcing processes of

¹ Psicóloga. Psicanalista. Mestre em Ciências pela Fundação Antônio Prudente.

² Psicólogo. Psicanalista. Mestre em Psicologia como Ciência e Profissão pela PUCAMP.

stigmatization and identity discrimination. In this context, psychoanalytic reflection highlights the importance of looking at the body beyond its imaginary dimension as a mirroring of patterns imposed by an unrestrained consumer industry and also in the sense of revealing the truth behind discourses that dictate beauty standards, aesthetics and normality, promoted by the society of the spectacle and digital culture.

Key words: Ideal ego. Ego ideal. The Mirror Stadium. Psychoanalysis. Body Dysmorphic Disorder.

INTRODUÇÃO

Uma matéria publicada pela CBN, em 15 de junho de 2024, aponta que o Brasil liderou o ranking de cirurgias plásticas em 2024. De acordo com a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica (ISAPS), houve um aumento de 40% de procedimentos estéticos nos últimos anos, a nível mundial.

Em 2023, foram registrados quase 35 milhões de procedimentos cirúrgicos e não-cirúrgicos em todo o mundo. Procedimentos cirúrgicos cresceram 5,5%, com mais de 15,8 milhões de tratamentos, enquanto os não-cirúrgicos também tiveram alta – especialmente as injeções de toxina botulínica – superando 19 milhões de tratamentos (ISAPS, 2023).

Junto a isso, a popularização do uso de filtros que alteram a imagem (formato do rosto, tonalidade de pele, simetria, etc) em redes sociais como Instagram e Tik Tok (nota de rodapé explicando, já tem a nota mais embaixo, so trazer pra cima) criam versões editadas e irreais do corpo e, principalmente, do rosto. Alguns, inclusive, modificam a imagem do rosto para se assemelhar a procedimentos como harmonização facial, rinoplastia, preenchimento labial etc. Isso tem um impacto significativo na forma como o indivíduo se vê e como é visto pelas outras pessoas.

O filósofo Byung-Chul Han refere que “cada época possui suas enfermidades fundamentais” (Han, 2017, p. 7). A contemporaneidade apresenta um funcionamento social com características muito específicas que influenciam na relação dos indivíduos

com a sua identidade, com seus corpos e, também, com a estética. Dessa maneira, o indivíduo, muitas vezes, pauta as suas escolhas e o seu modo de viver a partir da busca incessante por preencher esses requisitos.

Han (2017) refere que o indivíduo é impulsionado a se tornar um “empreendedor de si mesmo” e estar sempre em busca de uma melhor performance. Dessa maneira, há a perpetuação de um ciclo de cansaço e a autoexploração, no qual “essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (Han, 2017, p. 31), o que torna o sujeito tanto explorador quanto explorado em uma dinâmica patológica.

Isso também é reforçado por outra característica fundamental: o crescimento da cultura digital, com o avanço tecnológico e a disseminação das redes sociais. Estas tornaram-se um dos principais meios de validação externa, no qual a busca por engajamento, likes e seguidores reforça o ciclo de insatisfação.

Nesse processo, há a perda do endereçamento ao Outro como caminho principal e, muitas vezes, as pessoas procuram respostas aos seus questionamentos no Google, nas mídias sociais e nos influencers (Flanzer, 2020, p. 40). Dessa maneira, os ideais são extraídos das telas e as identificações se constroem a partir das manipulações dos algoritmos, que entregam algo muito semelhante a si próprio, numa tentativa de excluir toda e qualquer diferença (Flanzer, 2020, p. 33).

A ideia do corpo como um objeto separado do indivíduo, que pode ser estimulado, manipulado, modificado e sofrer as mais diversas privações, excessos e pressões não é sem consequências e precisamos levar esses fatores em consideração. Diante desse fenômeno, observamos um crescimento do número de pacientes que chegam aos consultórios de psicanálise em sofrimento com a sua autoimagem. Esses apresentam dificuldade, em maior ou menor grau, em se reconhecer nos seus próprios corpos, independentemente do que façam para tal. Este gerenciamento da imagem corporal

pode chegar a níveis tão extremos a ponto de ser classificado em psiquiatria como um Transtorno Dismórfico Corporal (TDC).

O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Na contemporaneidade, o corpo ocupa lugar de destaque, de protagonista principal da vida. Torna-se – inclusive – o cartão de visitas, uma produção individual e personalizada, algo capaz de evidenciar a nossa determinação e sucesso – ou o contrário (Orbach, 2009). Ele ganha um estatuto de valor sobre quem se é, mas equivocadamente, para tanto, o sujeito é – praticamente – excluído de cena.

Tem-se notícias de que os humanos seguem determinados ideais de beleza desde a Antiguidade (Barg, 2022). Logo, esses padrões sempre estiveram presentes, mas se modificaram de acordo com o momento histórico e a cultura vigente.

É importante ressaltar que estar inserido, nesse contexto, se relaciona com pertencer – ou desejar pertencer – a uma classe econômica específica e ao *status* de poder. Em determinada época, por exemplo, mulheres gordas eram vistas com bons olhos e, mais, como o ideal a ser alcançado. Devido a escassez de comida, ter um corpo gordo representava pertencer à uma pequena parcela da população com alto poder aquisitivo e abundância de recursos. (Barg, 2022).

A busca pelo corpo ideal persevera, mas encontra novas expressões e metas a serem atingidas. Isso impacta, de maneira profunda, a forma que o indivíduo se relaciona consigo e com as outras pessoas, influenciando tanto na construção da sua identidade como do seu corpo próprio, na autopercepção – relacionada à imagem corporal, mas não somente –, e nas mais diversas sensações corporais e sentimentos, acarretando, em muitos casos, em adoecimento e sofrimento psíquico.

Nos tempos atuais, vivemos o extremo oposto. Rico é quem tem tempo (o recurso mais caro do mundo) e dinheiro para gastar horas na academia e em clínicas estéticas; que pode contar com um verdadeiro staff de nutricionista, personal trainer, empregada doméstica, esteticista, etc. [...] Em outras palavras, se manter no

padrão vigente é algo exclusivo para uma faixa específica e bem pequena da população. Mas a mídia e as redes sociais nos fazem acreditar que a maioria das pessoas se encaixe nesse perfil e, por isso, nos sentimos tão frustradas e, muitas vezes, até “relaxadas” por não alcançarmos tais modelos. (Barg, 2022, p.16).

Para Luciana Saddi (2020), apesar do indivíduo ter o sentimento de liberdade em relação a si mesmo e a sua imagem, o controle social do corpo se torna o ator principal, principalmente para as mulheres. O sujeito é levado a acreditar que pode preencher e modificar o seu corpo conforme a sua vontade ou conforme os padrões estéticos vigentes. No entanto, novas tendências sempre surgem, tornando-o eternamente insatisfeito.

Se antes a mulher era uma eterna doente, hoje ela é uma eterna gorda e feia – independente de seu peso e medidas – revelando que cuidados se confundem com agressões e que o corpo não cabe mais no corpo. O sentimento de inadequação acaba por restringir e diminuir a circulação no espaço social. As mulheres ainda são as maiores vítimas dessa estratégia de dominação por meio da desvalorização de seus corpos, embora, com o encolhimento da sociedade patriarcal observamos homens, cada vez mais, sofrendo com problemas ligados a autoimagem e insatisfação corporal. (Saddi, 2020, p. 217)

TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL

É comum escutar relatos sobre pessoas que procuram por cirurgiões plásticos e dermatologistas com uma foto do seu rosto modificado por um filtro digital³ e pedem para ficar daquela forma, pois referem que não se reconhecem – e, em muitos casos, não suportam – como são, mas apenas conseguem se identificar com a

³ Inicialmente, os filtros digitais eram sinônimo de alterações de esquemas de cores e de iluminação, mudanças interessantes para alterar alguns estilos das fotos. Hoje, há inúmeras opções que inserem maquiagens e até criam alterações muito realistas na própria aparência dos usuários. *Filtros e modas do Instagram: o que é bom, o que é ruim e o que é horrível*. (2022, maio 5). FFW. <https://ffw.uol.com.br/noticias/comportamento/filtros-e-modas-do-instagram-o-que-e-bom-o-que-e-ruim-e-o-que-e-horrivel/>

sua versão alterada. Sobre isso, Kehl afirma: O corpo-imagem que você apresenta ao espelho da sociedade vai determinar sua felicidade não por despertar o desejo ou o amor de alguém, mas por constituir o objeto privilegiado do seu amor-próprio: a tão propalada auto-estima, a que se reduziram todas as questões subjetivas na cultura do narcisismo.

Nesses termos, o corpo é ao mesmo tempo o principal objeto de investimento do amor narcísico e a imagem oferecida aos outros - promovida, nas últimas décadas, ao mais fiel indicador da verdade do sujeito, da qual depende a aceitação e a inclusão social. O corpo é um escravo que devemos submeter à rigorosa disciplina da indústria da forma (enganosamente chamada de indústria da saúde) e um senhor ao qual sacrificamos nosso tempo, nossos prazeres, nossos investimentos e o que sobra de nossas suadas economias. (Kehl, 2006, p. 219).

Esse descompasso com a autoimagem e a preocupação excessiva com a aparência podem acarretar um sofrimento intenso para o indivíduo, podendo ser diagnosticado como Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), que, em linhas gerais:

O Transtorno Dismórfico Corporal é caracterizado pela preocupação com a percepção de um ou mais defeitos ou falhas na aparência física que não são observáveis ou parecem apenas leves para os outros e por comportamentos repetitivos (p. ex., verificar-se no espelho, arrumar-se excessivamente, beliscar a pele, buscar tranquilização) ou atos mentais (p. ex., comparar a própria aparência com a de outra pessoa) em resposta às preocupações com a aparência. As preocupações com a aparência não são mais bem explicadas por preocupações com gordura ou peso corporal em um indivíduo com um transtorno alimentar. A dismorfia muscular é uma forma de transtorno dismórfico corporal caracterizado pela crença de que a estrutura corporal do indivíduo é muito pequena e insuficientemente musculosa. (DSM-5, 2014, p. 236).

E apresenta os seguintes critérios diagnósticos:

A. Preocupação com um ou mais defeitos ou falhas percebidas na aparência física que não são observáveis ou que parecem leves para os outros.

Em algum momento durante o curso do transtorno, o indivíduo executou comportamentos repetitivos (p. ex., verificar-se no espelho, arrumar-se excessivamente, beliscar a pele, buscar tranquilização) ou atos mentais (p. ex.,

comparando sua aparência com a de outros) em resposta às preocupações com a aparência.

A preocupação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

A preocupação com a aparência não é mais bem explicada por preocupações com a gordura ou o peso corporal em um indivíduo cujos sintomas satisfazem os critérios diagnósticos para um transtorno alimentar.

Além dos critérios acima, é importante a qualificação sobre a capacidade de insight:

Especificar se:

Indicar o grau de insight em relação às crenças do transtorno dismórfico corporal (p. ex., “Eu pareço feio” ou “Eu pareço deformado”).

Com insight bom ou razoável: O indivíduo reconhece que as crenças do transtorno dismórfico corporal são definitiva ou provavelmente não verdadeiras ou que podem ou não ser verdadeiras.

Com insight pobre: O indivíduo acredita que as crenças do transtorno dismórfico corporal são provavelmente verdadeiras.

Com insight ausente/crenças delirantes: O indivíduo está completamente convencido de que as crenças do transtorno dismórfico corporal são verdadeiras. (DSM-5, 2014, p. 242-47).

De maneira geral, no TDC há uma preocupação excessiva com a aparência, entretanto “para que sejam satisfeitos os critérios diagnósticos, um indivíduo deve apresentar não somente um grande investimento na aparência, mas também uma avaliação extremamente negativa da imagem corporal, associada a muito sofrimento” (de Brito, Cordás, 2018).

É um transtorno complexo da imagem corporal, muitas vezes, desvalorizado em sua seriedade, por ser visto como uma preocupação fútil com a aparência física ou como vaidade (de Brito, 2018, p. 20), inclusive, muitas vezes, não recebendo

a devida atenção e manejo por profissionais da saúde. Isso contribui para que muitas pessoas sintam vergonha e não falem sobre os seus sintomas, evitando procurar ajuda especializada, às vezes durante muitos anos.

Indivíduos com sintomas muito graves de TDC, em seu intenso sofrimento subjetivo, são puro objeto, puro olhar, mancha de horror, em que o sujeito não é quem olha, mas é olhado. A mancha que revela o ponto do olhar é o detalhe na aparência, sinal de feiura, que aparece como ponto de angústia que aniquila e anula o indivíduo. A presentificação do olhar, causa de horror, medo e vergonha, pode levar ao impossível de suportar, à loucura ou à morte. É no limite desse sofrimento que esses pacientes podem procurar o tratamento em saúde mental. (Brito, Cordás, 2018, p. 34).

Ainda que em Psicanálise não trabalhem com a noção de transtorno, ou pelo menos não limitamos uma hipótese diagnóstica a esta questão referente à imagem, os critérios de insight podem apontar diferentes modalidades de descrença que mantêm relações indicativas com as estruturas clínicas neurose, psicose e perversão. Porém, independentemente da estrutura clínica ou da caracterização ou não de um transtorno, questões relativas a auto-imagem atravessam todo o desenvolvimento psicosexual numa perspectiva freudiana, quanto no enlaçamento não definitivo dos registros real-simbólico-imaginário do "Nó Borromeano", na perspectiva de Lacan, neste último, nada se dá de uma vez por todas, e nisso podemos incluir o corpo enquanto real organizado numa unidade imaginária a partir de uma posição simbólico no desejo do Outro, ou ainda, nas palavras de Nasio (2009).

Não somos nosso corpo em carne e osso, somos o que sentimos e vemos de nosso corpo: sou o corpo que sinto e o corpo que vejo. Nosso eu é a ideia íntima que forjamos de nosso corpo, isto é, a representação mental de nossas sensações corporais, representação mutante e incessantemente influenciada por nossa imagem do espelho. (Nasio, 2009, p. 54).

Apesar das questões relativas imagens serem atravessarem as fases psicosexuais ou estarem sempre em questão na perspectiva dos "nós", o crescimento do número de pacientes que chegam aos consultórios de psicanálise em sofrimento com a sua autoimagem nos convoca a reflexão. Birman (2018) pontua que:

Podemos, portanto, sublinhar que a preocupação estética em si não é apenas uma questão contemporânea, social, metafísica ou filosófica, mas, antes de tudo, uma questão metapsicológica que concerne a construção fantasmática e imaginária, e a estruturação psíquica de cada um de nós. E se é o social que define as normas estéticas podemos da mesma forma nos perguntar: O que constitui o social? Quem define as normas sociais? Elas não são uma resposta as angústias do ser, um controle da pulsionalidade, uma solução que encontramos para enfrentar a familiaridade estranha que nos habita? (Birman, 2018, p. 10).

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O EU IDEAL E O IDEAL DO EU EM FREUD

Freud introduziu os conceitos de Eu Ideal e Ideal do Eu em “Introdução ao narcisismo” (1914) e depois em “O Ego e o Id” (1923). O Eu Ideal é uma forma primitiva e arcaica de idealização de si mesmo, a partir do narcisismo primário. Nesse momento, a criança se vê de maneira onipotente, como o centro do mundo, porque primeiramente é vista assim pelos seus pais. Os pais são esse primeiro espelho que devolve a ideia de uma unidade para o filho.

As expectativas dos pais são projetadas na criança, que deve ter uma vida melhor do que a deles e concretizar seus sonhos não realizados. Dessa maneira, o narcisismo dos pais é renascido na relação com o filho. Atribuem a ele as melhores qualidades e tendem a excluir todo e qualquer defeito. (Freud, 1914).

Nesse sentido, a criança passa a fantasiar ser quem seus pais desejam que ela seja.

“A esse Eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição.” (Freud, 1914/2010, p. 40).

A internalização das normas e valores dos pais, incluindo as expectativas e projeções colocadas nessa criança, dependendo da forma – seja pelo excesso ou pela falta, pode contribuir para um Eu ideal muito rígido e exigente. Nesse sentido, a criança cresce com um senso interno de que deve atingir um alto padrão de excelência para ser digna de amor e aprovação dos pais. Esse

processo pode gerar um sentimento constante de insuficiência e inadequação. Sendo assim, o indivíduo corre o risco de desenvolver baixa autoestima e um constante sentimento de culpa por não atender aos ideais internalizados.

Com o passar do tempo, é esperado que a criança renuncie a essa onipotência narcísica e se enlace de outra forma nas relações e na vida a partir de uma reestruturação causada pelo Complexo de Édipo, e que o Eu ideal vá se transformando em uma instância simbólica, o Ideal do Eu. Apesar dessa distinção entre Eu ideal e Ideal de Eu, em Freud não está de maneira precisa, muitas vezes usando os conceitos de forma alternadas, inclusive em um trabalho futuro ele apresenta a noção de supereu que acaba gerando algumas confusões, e assim, a fim de contribuir na distinção de Eu ideal, Ideal de eu e supereu:

Freud dirá que aquilo que o sujeito projeta diante de si como sendo seu ideal é, na verdade, o substituto do narcisismo perdido da infância, onde o sujeito era seu próprio ideal. O narcisismo residual do indivíduo, ao deixar a infância, desloca-se para esse ideal de Eu que se acha, assim, possuído de toda a perfeição possível. Freud postula, então, a existência de uma função psíquica especial, responsável por assegurar a satisfação narcísica do Ideal do Eu. Esta função consiste na observação do Eu real, medindo-o e comparando-o com o Ideal de Eu. Desta forma, é possível dizer que a satisfação narcísica é garantida através de uma função observadora crítica, em relação ao Eu real. Esta função toma-se um agente de censura do Eu, na medida em que o compara ao Eu ideal. O Ideal do Eu e a função auto-observadora a ele relacionada constituirão a base daquilo que será descrito como Supereu. (Reis, Magalhães e Gonçalves, 1984, p. 45).

Em 1923, Freud apresenta a segunda tópica em que divide o psíquico em três instâncias: o eu, o isso e o supereu, e assim organiza de forma mais lógica os lugares do do Eu ideal e do Ideal de eu e acrescenta um ponto fundamental para a ideia desenvolvida no presente artigo, que o eu é sobretudo um eu corporal, uma imagem. Esses dois textos foram de grande importância para a entrada de Lacan na Psicanálise, sua tese de doutorado “Da psicose paranoide em suas relações com a personalidade” (2011), aborda diferentes perspectivas psiquiátricas sobre um caso de paranoia e encontra na teoria freudiana os elementos que faltavam para a compreensão da formação do eu e sua estrutura

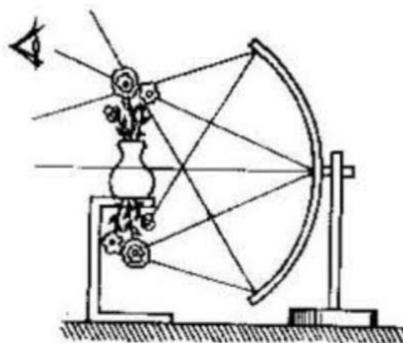
O espelho do espetáculo: meu corpo e suas imagens

paranóica. Assim, podemos dizer que Lacan entra na psicanálise pela porta do imaginário, inclusive propõe, tempos depois, uma resposta a uma questão deixada por Freud no “Introdução ao narcisismo” quando este apresenta a ideia de que uma “nova ação psíquica” deveria ocorrer para promover a passagem do auto erotismo para o narcisismo. Freud aponta que esta nova ação é a formação do eu, mas não deixou claro de que forma isso ocorreria, e assim, Lacan constrói sua teoria do Estádio do espelho e com ela responde não só sobre a formação do eu mas também o porquê da sua estrutura, pelo menos inicialmente, ser paranóica.

O estágio do espelho é uma experiência que acontece entre o sexto e décimo oitavo mês de vida, em que o bebê humano consegue, primeiramente reconhecer uma imagem total de si mesmo, porém toma essa imagem como um outro, e que na sequência, ainda que sem tempo definido, reconhece a si mesmo nesta imagem. Ou seja, a primeira percepção de si é como um outro, a imagem no espelho, e na sequência passa a ter a consciência de que aquela imagem é a própria imagem. Porém esta constatação não encerra a questão da relação do sujeito com sua imagem, ela se mantém em uma tensão constante que gera aquilo que Lacan chamou de “quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu. (Lacan, 1998, p. 100).

Lacan qualifica o estágio do espelho como algo que ocorre da insuficiência (da maturação do corpo real e organização pulsional) para a antecipação (de uma imagem total mas no campo do outro), isso fica evidenciado no experimento do buquê invertido e do vaso invertido:

O experimento do buquê invertido:



No esquema acima, existe um vaso real, porém o buquê não está presente no vaso. Na verdade, ele está debaixo do vaso, mas, em determinada posição do observador diante do vaso, e do espelho na sua frente, o buquê parece estar “saindo” do vaso, “(...) o sujeito crê que está vendo um buquê real, que não sabe de onde surgiu, pois que, pouco antes o vaso estava vazio” (Lacan, 2009, p. 34).

O que podemos tirar daí é justamente a ideia de “posição do sujeito, para que a ilusão possa ocorrer”, semelhantes aquelas obras feitas com entulhos, com pedaços que só formam uma imagem, uma Gestalt, quando olhadas de um ponto muito específico. E este experimento serve como modelo à gênese do eu, um modelo de estrutura imaginária e que tem uma ligação direta com o Estádio do Espelho.

Além disso, não podemos nos esquecer que a compreensão desta situação imaginária está fundamentada na dialética senhor-escravo de Hegel (numa leitura de Kojève), e a relação de tensão agressiva característica do imaginário e que algo precisa ocorrer para que a resolução da agressividade possa ocorrer, e isso tem a ver com a inclusão do simbólico:

Daqui surge a crítica que Lacan faz à forma com que Hegel entende a dialética do senhor e do escravo. Para que exista uma saída na qual um dos implicados na 'luta de morte por puro prestígio renunci a se reconhecer por medo de perder a vida, deve haver um pacto prévio que dê possibilidade de tal renúncia, já que, sem ela, aquele que tenta render-se, ao baixar as armas, sempre será de assassinato. O recurso ao pacto prévio indica que a dialética dual, enquanto tal, não tem saída, a não ser pela via do simbólico, enquanto pacto preexistente, o qual implica a possibilidade de resolução da agressividade. (Eidelsztein, 2018, p. 37).

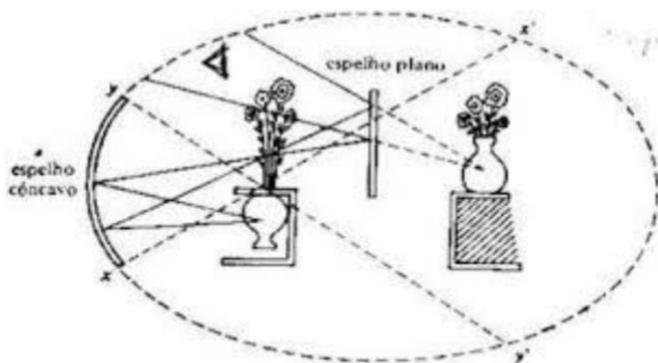
Ainda que o experimento do esquema óptico traga mais claramente a dimensão imaginária, isso não significa que os outros elementos não estejam, presentes:

As imagens, e especialmente as imagens enganosas do espelho esférico, representam o imaginário, a estrutura ilusória do eu, enquanto que o aparato óptico, mais os objetos inacessíveis (as flores reais somente são acessíveis visualmente ao sujeito do experimento através da imagem ilusória) representam o real e

O espelho do espetáculo: meu corpo e suas imagens

as leis de produção de imagens, o simbólico. (Eidelsztein, 2018, p. 38).

O narcisismo humano implica numa falha com a própria imagem, pois esta está intermediada pela função do Outro. E a essa função do Outro que Lacan propõe o esquema do vaso invertido:



Perceba que do lado esquerdo trata-se do mesmo modelo do buquê invertido, a diferença é que onde o olho do espectador via de forma direta o espelho côncavo, agora ele vê o reflexo deste em um espelho plano, sendo este espelho plano este outro que possibilita com que a ilusão do espelho esférico seja vista, a imagem real do sujeito se torna virtual: visto no campo do Outro, algo que só um espelho plano pode oferecer, pois nele a imagem parece estar atrás do espelho: a imagem virtual. Enquanto a imagem real só pode ser projetada em uma superfície, como ocorre no cinema, e assim:

“(...) é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê”. Enquanto apenas pensada a ordem imaginária a partir do estádio do espelho, ou o modelo do buquê invertido, a situação se resume ao eu-ideal. Porém a ordem imaginária no humano “requer a ordem do Ideal do eu” (Eidelsztein, 2018, p. 43), e sobre o “Ideal do eu”:

Importante destacar que é preciso pensar no espelho não apenas como o espelho real, mas também enquanto lugar do desejo do Outro, os pais em suas expectativas que olham para seu filho indicando as o que este deve ser para ser amado (reconhecido como objeto de desejo).

UMA MUTAÇÃO GERACIONAL

Uma nova subjetividade produzida pelo mundo digital, primeiro que é uma subjetividade narcisista, ou seja, existir é ser visto, se não é visto, você não existe. Ser visto é a primeira marca do narcisismo, mas como você depende, para ser visto, do olhar do outro e você não tem o controle sobre o olhar do outro, você, ininterruptamente e como Freud dizia, o narcisismo é inseparável da depressão. Então você tem uma subjetividade nova que é narcisista, depressiva e que depende desesperadamente do olhar alheio; assim depende do influenciador, do coach, depende desses olhares todos que garantam que ela exista. Quando não tem esse olhares, entra em depressão (...) não houve uma mudança tecnológica, houve uma mutação civilizacional, é outro mundo. O mundo virtual é outra coisa. (Marilena Chauí, Entrevista para a TV Brasil, novembro de 2024).

Uma pesquisa realizada pelo site We Are Social (2023) averiguou que 84,4% da população tem acesso à internet, o que corresponde a 181,8 milhões de brasileiros. Desses, 152.4 milhões possuem rede social, o que corresponde a 70,6% da população e 83,8% dos usuários da internet (We Are Social, 2023). Portanto, não há como pensar o corpo no contemporâneo sem levar a virtualidade em consideração.

De certa forma, há a democratização e a distribuição do acesso à informação de maneira extremamente rápida. Entretanto, a partir de uma certa horizontalização proporcionada pela internet, na qual qualquer pessoa pode fazer vídeos, textos e postagens sobre os mais diversos assuntos, é possível pensar sobre a diminuição do monopólio das informações pela mídia tradicional, mas também sobre uma série de preocupações novas e urgentes que surgem a partir daí.

O mercado de influência digital⁴ ganha um espaço expressivo, principalmente após a pandemia de covid-19. Esse, mobiliza os mais diversos segmentos: produtos de beleza, moda, alimentação, brinquedos etc. Diante disso, os jovens já não querem mais ser como a atriz da novela das oito, mas como a youtuber⁵ X ou o tiktoker⁶ Y e isso modifica, de maneira importante, a forma como a pessoa se vê e se expõe com o mundo, a sua relação com o Outro e com os ideais. Somente no Brasil hoje há cerca de 3,5 milhões de influencers⁷ (Barg, 2022).

Hoje, os bebês já nascem, praticamente, com um celular ou um tablet nas mãos. Crianças dormem assistindo a vídeos no Youtube e no Tik Tok. Adolescentes têm à sua disposição uma infinidade de filtros que tem o poder de alterar, radicalmente, a sua imagem. Adultos passam horas rolando o feed do Instagram e acompanham a vida de outras pessoas como um reality show.

A obrigação que as redes sociais impõem (porque permitimos, se nos entregamos a isso) é a de que nos infinitizemos, produzindo um semblante permanente que irradia beleza e felicidade, ininterruptamente, como se isso fosse realmente possível. [...] Tudo isso, quando levado ao extremo, pode nos conduzir ao sofrimento psíquico". (Flanzer, 2020, pag. 17).

⁴ Trata-se de uma abordagem que busca desenvolver ações de vendas e divulgação junto a influenciadores digitais, justamente por conta da relação de confiança e do seu poder de instigar decisões em seus seguidores, especialmente nos jovens. Santos, T. ([s.d.]). *O impacto do mercado de influenciadores digitais no consumo e no mercado em geral*. Betminds.ag. Recuperado 20 de outubro de 2023, de <https://betminds.ag/blog/o-impacto-do-mercado-de-influenciadores-digitais-no-consumo-e-no-mercado-em-geral>

⁵ Youtuber é o criador de conteúdo para a plataforma de compartilhamento de vídeos norte-americana YouTube. Araújo, F. ([s.d.]). *Youtuber*. InfoEscola. Recuperado 20 de outubro de 2023, de <https://www.infoescola.com/internet/youtuber/>

⁶ TikTok é um termo utilizado para definir os influenciadores digitais e criadores de conteúdo do TikTok, app de vídeos curtos para Android e iPhone (iOS). Normalmente, os TikTokers são muito ativos na plataforma, e fazem posts dos pequenos vídeos diariamente. *Como ser TikToker? Conheça influenciadores do app com 2 bilhões de downloads*. (2020, abril 30). TechTudo. <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/05/como-ser-tiktoker-conheca-influenciadores-do-app-com-2-bilhoes-de-downloads.ghml>

⁷ O influencer digital é uma pessoa capaz de influenciar e formar a opinião de outras pessoas, por meio de conteúdos que ela produz nas redes sociais. Salgado, D. (2022, agosto 29). *Influencer digital: tudo que você precisa saber*. Blog Opinion Box. <https://blog.opinionbox.com/influencer-digital/>

Jean Baudrillard (2008) em seu livro “A sociedade de consumo” refere que a felicidade é a principal meta e, que deve ser buscada com afinco, privilegiando os objetos que tragam maior prazer. Ele afirma:

(...) nunca se consome o objeto em si (no seu valor de uso). Os objetos (no sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal, quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior” (Baudrillard, 2008, p.66).

Entretanto, paradoxalmente, ter a felicidade como objetivo principal e a possibilidade de experimentar os mais diversos prazeres impõem, implicitamente, a obrigação do cumprimento dos ideais relacionados a “ser feliz”: beleza, sucesso profissional e um corpo perfeito. Brito (2018, p. 11) nomeia isso de “saúde estética”; nas palavras da autora, “uma mistura de direito à saúde com consumismo”, que relaciona desfrutar a vida com ter uma aparência física dentro de um padrão de beleza uniformizado. Nesse sentido, o corpo entra como o objeto, descrito acima por Baudrillard, que tem o potencial de diferenciar as pessoas.

Logo, não basta mais fazer exercício físico com regularidade e cuidar da alimentação, é necessário intercalar os mais diversos treinos, experimentar todos os tipos de intervenções estéticas, comer alimentos funcionais e lutar – com todas as forças e dinheiro disponível – contra o envelhecimento. A cada dia surgem novas ferramentas para atingir o corpo ideal, entretanto, nenhuma é suficiente para se chegar ao estado da perfeição almejada.

IMAGEM DISTORCIDA DE SI E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Em Sociedade do Espetáculo, Guy Debord aborda a sociedade pós Revolução Industrial, e a localiza em um mundo que depende de imagens como geradora da realidade e assim, o controle das imagens vira um instrumento de controle das pessoas:

Quanto mais a sua vida é agora seu produto, tanto mais ele está separado da sua vida. O espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem. (Guy Debord, 1997, p. 28).

Os dados e os acessos alimentam os algoritmos que trabalham para que não precisemos pensar - ou seja, quanto menor a diferença menos pensamos - o algoritmo trabalha para que o igual permaneça e se prolongue e o diferente seja afastado cada vez mais - uma montagem artificial de uma estrutura que conhecemos como princípio do prazer. O mundo fica cada vez mais narcísico e com pessoas que pensam igual.

SOMOS EXTRMAMENTE SENSÍVEIS ÀS IMAGENS

O eu é um Outro, como dito anteriormente: a nossa subjetividade se forma a partir da imitação de um Outro significativo para nós, o corpo perverso polimorfo e real se configura em uma unidade a partir de uma imagem ilusória de uma totalidade. E numa lógica da "insuficiência para a antecipação", estabelece uma relação de "quadratura do círculo" (Lacan, 1998), em se reconhecer como uma unidade de imagem, mas sempre a pique de perder essa totalidade, recorrendo à palavra para usar como recurso de nomeação dos pontos impossíveis de formação do uno, ou seja, a linguagem trabalha incessantemente na tentativa de preencher os lugares descobertos da imagem, tomando o real pelo simbólico, configurando assim o sintoma. Este mesmo percurso está presente no surgimento da psicanálise - tomar o real pelo simbólico - desde os primeiros analisantes até os dias atuais, o convite de falar sobre o indizível.

O que motivava, e motiva alguns atualmente em procurar uma análise é a angústia, num passo anterior à tomada do real pelo simbólico, ou seja, a invasão do real no imaginário e que revela a ferida narcísica da precariedade humana. Assim temos o simbólico como sintoma - produzindo significações e duplo sentido, o real como angústia - do indizível e que põe em movimento nem que

seja como fuga, buscando alguma palavra que possa aliviar a dor da falta de sentido. (Dunker, 2023).

Acrescenta-se a esses dois registros, o imaginário como inibição ao invadir o simbólico, a multiplicidade de sentidos é excluída, ou eu ou outro, lugar da rivalidade narcísica e registro do ódio, - e que pode ser pensado em duas dimensões: do sujeito com os outros e do sujeito na relação com seu Ideal de eu.

Temos assim a estrutura borromeano do sujeito que o tempo todo se movimenta em inibição, sintoma e angústia. Entretanto, o espetáculo alimenta o imaginário e exclui o não saber de si (que leva ao desejo de saber); exclui o Real e, aos poucos trava o simbólico, fazendo uma operação de congelamento de sentido. A formação Borromeana do sujeito oferece as bases uma manipulação artificial e funcional da imagem através do espetáculo.

A ANÁLISE COMO EXPERIÊNCIA DE SUBJETIVAÇÃO DAS FERIDAS NARCÍCAS

O processo analítico, como dito anteriormente, não visa enquadrar o sujeito em critérios diagnósticos ou buscar a “cura” dentro do discurso médico de eliminação ou remissão de sintomas. Ao contrário, entende o sofrimento psíquico como algo que se relaciona a constituição subjetiva, como vimos anteriormente.

Partindo da premissa que no nosso trabalho enquanto analistas usamos o diagnóstico de TDC como uma referência, mas não como a base do nosso manejo, entendemos a distorção de imagem corporal como uma manifestação sintomática.

Dessa maneira, é importante, do ponto de vista psicanalítico, promover uma escuta em que seja possível identificar os processos psíquicos relacionados a distorção corporal.

Desse modo, quando exibem seus excessos – musculares, esqueléticos, adiposos, plastificados, tatuados, perfurados, transgressivos, abusados, intoxicados-, esses corpos, diante do

Olhar que vem do Outro, não são corpos que portam um sintoma que pede decifração. Antes, são corpos mudos, autistas, de relações cortadas com o amor e com as palavras. (De Brito, Cordas, 2018, p. 369).

Podemos entender a posição alienada e fixada no Imaginário como uma falha em relação a simbolização e a presença de um olhar excessivo e onipresente (Greco, 2010, p. 212) que “denuncia a falta de um regulador simbólico eficaz” (de Brito, Cordas, 2018, p. 370). Há um excesso de imagem que aprisiona e invade.

Dito isso, o processo analítico com esses pacientes visa, dentre outras coisas, possibilitar o deslocamento de uma posição alienada e fixada no imaginário – atrelado a todos esses ideais inatingíveis – para uma posição em que possa se reconhecer como desejante, ou mais precisamente, a análise precisa promover uma mudança da posição do analisante de amado para amante (Lacan, 2010). A condição da passagem do auto erotismo para o narcisismo, ou seja, a formação do eu (ego) foi através da libidinização do bebê pelo desejo do Outro materno, um lugar em que “sua majestade o bebê” (Freud, 2010) é o objeto privilegiado e amado da mãe ou cuidadora. Desses lugares, narcísico e de objeto amado, que o sujeito cairá ao final do seu Édipo, porém sempre visando retornar a esse lugar via fantasia ou sintoma.

O candidato a análise se apresenta ao analista na posição narcísica, apegado ao seu sintoma, sustentado por uma fantasia, e na posição de que o analista o deseje, lugar de amado, de reconhecimento. O analista, ao não responder a esse pedido de reconhecimento, obriga o futuro analisante a buscar um saber fora de si, mudando para a posição de amante, colocando o analista no lugar de amado, momento em que o “analista complementa o sintoma do paciente” (Quinet, 1991, p. 18). No entanto, apesar de ser colocado neste lugar de amado, não deve responder daí, afinal esta seria mais uma situação de identificação e alienação a imagem e desejo de um Outro (a estrutura base de seu sofrimento), o analista se apresenta como aquele que causa o desejo do sujeito em se analisar:

O analisante, na situação analítica, tenta restabelecer uma totalidade imaginária onde espera reproduzir uma proposta de gozo (impossível). A proposta seria: que o Outro, lugar atribuído ao analista, goze ao ser completado pelo significante de objeto, falo, que o analisante tenta ser para esse lugar transferencial. Agora, enquanto o analista sustenta a posição de semblante de objeto a esta mesma posição concerne ao analisante dado que é a partir dali que se re-situa em relação à sua própria falta: privação, frustração e castração (Viviani, 2014).

REFERÊNCIAS

BARG, Danielle. **Além do Like: o que está por trás da nossa eterna busca de aprovação por meio da imagem.** São Paulo: Danielle Barg, 2022.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo.** São Paulo: Edições 70, 2008.

BIRMAN, Joel; CERNART, Cristina. AS FIGURAS CLÍNICAS DA FEIURA À PROVA DA METAPSIKOLOGIA. **Revista Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica**, [s. l.], 1 jan. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/7QJLBPQbtqQKRTdwmw8MzBN/?format=pdf&ang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2024.

BRITO, Maria. **Como Lidar com o Transtorno Dismórfico Corporal: guia prático para pacientes e familiares.** São Paulo: Hogrefe, 2020.

BRITO, Maria; CORDÁS, Táki; FERREIRA, Lydia (org.). **Transtorno Dismórfico Corporal: a mente que mente.** São Paulo: Hogrefe, 2018.

Dando a real com Leandro Demori recebe a filósofa Marilena Chaui, TV Brasil, YouTube, Novembro de 2024.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUNKER, C. **Lutos finitos e infinitos.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan.** Buenos Aires: Letra Viva, 2015.

FLANZER, Sandra. **Jovens em Tempos Digitais.** Porto Alegre: Consultor, 2020.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id.** ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIX.

FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo**: uma introdução. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIV.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

GRECO, Musso. **Declinações da dismorfofobia**: estudo psicanalítico da distorção da imagem corporal. 2010. Tese de Doutorado (Doutorado) - UFMG, [S. l.], 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8H7NFS>. Acesso em: 16 dez. 2024.

HAN, Byuing-Chul. **A sociedade do cansaço**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY. **Global survey 2023**. 2023. Disponível em: <https://www.isaps.org/discover/about-isaps/global-statistics/global-survey-2023-full-report-and-press-releases/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Kehl, Maria Rita. (2004). **Com que corpo eu vou**. Kehl M, Bucci E, organizadores. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 174-179.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Trad. Vera Ribeiro.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954) / texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 8**: a transferência (1960-1961) / texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5/. Porto Alegre: Artmed 2014. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento

NASIO, Juan-David. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ORBACH, Susie. **Bodies**. New York: Picador, 2009.

QUINET, Antonio. **As 4+1 condições de análise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2009.

REIS, Alberto Olavo Adivincula; MAGALHAES, Lúcia Maria Azevedo; GONCALVES, Waldir Lourenço. **Teorias da personalidade em Freud Reich e Jung**, São Paulo: EPU, 1984.

SADDI, Luciana. **Mentalidade de dieta, controle social do corpo e a clínica contemporânea**. [Apresentação de trabalho]. II Simpósio Bienal SBPSP. São Paulo: SBPSP, 2020.

VIVIANI, Alejandro. **Considerações sobre o dinheiro na psicanálise**. Ide (São Paulo) [online]. 2014, v. 37, n. 58, p. 59-69. ISSN 0101-3106.